

## AINDA FREUD...

Diz Nietzsche, no aphorismo 137, do 2.<sup>o</sup> volume do *Humano, demasiado humano*, que os peores leitores são os que procedem como soldados que se entregam á pilhagem: "apoderam-se aqui e alli do que lhes é util, mancham e confundem o resto, cobrindo-o todo de ultrajes". Pois esse pensamento, que é uma lenbrança triste e verdadeira da deshonestidade intellectual, enquadra-se perfeitamente no que diz respeito a Freud.

Todos aquelles — principalmente os adversarios e os maus discipulos — que tratam de Freud, philosophicamente, collocam-no no mais exaltado irracionalismo, mesmo além, muito além, de Bergson, Keyserling, Scheler e quantos mais anti-intellectualistas o sejam. Aldous Huxley resumiu a philosophia de hoje: o Bergsonismo, o Behaviorismo de Watson e o Freudismo.

Mas vae nisto, em parte, uma injustiça, pois como doutrina de qualquer pensador comprehende-se tudo quanto foi por elle escripto em torno de suas idéas centraes, e não só as primeiras obras diffundidas, visto como o individuo é um processo cultural evolutivo, sendo a cultura uma cathetoria do proprio sêr. O mal de Freud é o mesmo de outros pensadores — faceis á primeira vista — que se popularizaram em prejuizo da propria pureza doutrinaría.

Como philosophia, o freudismo faz resaltar a irracionalidade da conducta, assim como o watsonismo o faz na opinião. Pois bem: Freud baseou toda a psychanalyse, como psycho-technica individual, em dois principios: principio de repetição e principio de prazer, que nada mais são do que a busca do prazer e da libertação pela repetição dos actos, exteriorizantes dos impulsos brutos naturaes primitivos e inconscientes, que tendem sempre a repetir-se. A essa *personalidade inconsciente*, que mais tarde vae se conservar no adulto através dos sonhos e dos actos instinctivos, Freud chama de *Id*, por ser commum a todos. Sómente em nova phase, surge o *Ego*, nascido deste *Id*, e da *repressão do meio*.

Em proseguimento: duas são as classes de impulsos expostas por Freud: impulsos de vida e impulsos de morte — chamando-se áquelles de *libido*.

Depois, não só como puro factó de theoria do conhecimento cosmo-psychologico, como o *Ego*, mas sim, surgindo de outra estructura, como resultante do conhecimento moral (consciente), apparece-nos o *Super-Ego* ou censura. Dahí, os *recalcamentos*, os *deslocamentos*, as *transferencias*.

Como se vê deste rápido resumo de noções já generalizadas por todas as camadas, Freud restringe-se nesta parte de seus estudos tão sómente á *personalidade* inconsciente e suas derivantes.

Explica-se este grande irracionalismo de Freud por ter elle chegado a estas conclusões por

observações em neuroticos, principalmente hystericos, dizendo em suas primeiras divulgações — textualmente — que era seu principal objectivo "conduzir á consciencia o material pathogenico, dando fim deste modo aos padecimentos occasionados pela producção dos symptomas de substituição".

E' áquelle *Super-Ego*, na nomenclatura psychanalytica, *consciencia moral*, "que pertence o forte aparelhamento disposto em nós de modo geral contra a invasão dos complexos inconscientes", lembrando assim um dos pontos da philosophia de Schopenhauer: *nossa vida consciente é uma eterna resistencia*. Assim, pelo pathologico, chega Freud ao individuo normal, pois "as neuroses não têm um conteúdo psychico que, como privilegio dos neuróticos, não se possa encontrar nos sãos", sendo que aquelles adoecem pelos mesmos complexos com que lutamos nós os que temos saúde perfeita, completa C. J. Yung. Donde ser a racionalidade uma questão de gráo, mais em uns, menos em outros. Só isso.

Assim espraia-se a psychanalyse como uma concepção do mundo e da vida (*Weltanschauung*, como diz o proprio Freud), logo como um systemo philosophico e já não só como psychotherapeutica da hysteria e suas classes.

Freud não parou ahí, levou seus estudos á sociologia, ou melhor, á ethnologia, em *Totem e Tabú*, que não nos interessa aqui por ser ainda da mesma natureza dos estudos anteriores, differindo só em sua applicação á *alma collectiva* — do que se usa e abusa nestas bandas do Atlantico...

O que põe ponto final neste rascunho é sua obra: *O futuro de uma illusão — psychanalyse das religiões*.

Neste livro, Freud levanta os olhos para o futuro, após ter olhado exhaustivamente para o passado, sob a força da propria technica psychanalytica — usando de um aphorisma de Anatole: "O passado é a unica realidade humana. Tudo que existe é passado". Este livro é esperada e logica conclusão de uma obra de 50 annos trabalhosos, toda cheia de um idealismo tão mal interpretado!

Freud nesta obra procura, cautelosamente — pois se a seara lhe é extranha! — estudar o fundo *illusionista das religiões* e, como um veterano do soffrimento e angustia humanos, vê quanto seu primitivo irracionalismo poderia se tornar perigoso e talvez, fatal para a civilização; dahí seu bello esforço em conciliar a *razão* e o *instincto*; surge-nos um *Freud completo*.

Se em seus estudos theoricos, do sêr-psychologico como individuo, na attitude *céga* para todos os valores (*wertblind*, na exacta terminologia allemã), Freud declara que "os homens são pouco accessiveis aos argumentos da razão", e

“são movidos pelos seus instinctos”, já o mesmo não dirá quando se colloca numa attitude valorativa (*bewertend*), do dever-ser, pratico-philosophica: “Não temos outro meio senão nossa intelligencia para dominar nossa vida instinctiva”.

“Podemos tanta vez accentuar que a intelligencia humana seja sem força em comparação com a vida impulsiva, e teremos razão. Mas nessa fraqueza alguma coisa existe de particular: a voz da intelligencia, é debil, mas não descança, enquanto não se faz ouvir. *Por fim, depois de innumeras e repetidas repulsas, ella se impõe*. Esse é um dos poucos pontos pelos quaes devemos ser optimistas, quanto ao futuro da humanidade; mas em si, representa não pouca coisa; ainda podemos fundar nisso as nossas esperanças”. (O grypho é nosso).

E logo adiante, contrapondo-se à concepção que faz dos destinos da humanidade uma submissão heteronoma, prèga a fé no sentido da vida, no nosso (da humanidade) *self-government*: “cremos que é possível ao trabalho scientifico co-nhecer alguma coisa sobre a realidade do mundo,

com ella o nosso poder se pôde elevar e por ella poderemos dirigir a nossa vida”.

Só a intelligencia será o remedio para os males da Humanidade, dahi dizer Bertrand Russell: “Creio que todo o verdadeiro progresso do mundo consiste em um augmento de racionalidade pratica e theorica”. E tem toda razão, por que só o homem é capaz de *vivencia*, embora os animaes possam ter *experientia*, sendo que aquella se constitúe pelos dados intimos, vividos, de nossa experientia interior, “tornados objecto do pensamento na synthese da consciencia reflexa”, é um acto consciente, ao passo que a *experientia* pôde ser não-organizada e incosciente.

Racionalidade é um habito de recordar todos os nossos principaes desejos e não só o que nos domina no momento. E’ o representativo contra o presentativo.

“O primado da intelligencia está ainda longe, muito longe, mas não no infinito”. ...*Freud*, *completo*.

EVARISTO DE MORAES FILHO